



COMO EU NÃO  
*me apaixonei*  
POR VOCÊ

U M R O M A N C E P O R  
M A R Y D I O N I S I O

COMO EU NÃO  
*me apaixonei*  
POR VOCÊ

U M R O M A N C E P O R  
M A R Y D I O N I S I O

© COPYRIGHT 2022 MARY DIONISIO

*Todos os direitos a obra são reservados.*

É proibido qualquer tipo de reprodução, cópia no todo ou em partes, impressão, distribuição por meios físicos e digitais, revenda ou adaptação.

Todos os direitos estão protegidos de acordo com a Lei Nº 9.610/98, Art. 184 do código penal.

**Revisão:** Raianne Viana

**Capa | Diagramação:** Larissa Chagas

**Leitura Sensível:** Mariana Lima | CRM-PR: 47353, Nathiara Santos | CRP-MG: 04/50345, Marcella M.

**Leitura Beta:** Caroline Kimura, Maria Clara Siqueira, Amanda Goes, Laura Feitosa, Maria Fernanda Rodrigues, Livia Barbosa, Vitória Santos, Jéssica Campos, Barbara de Oliveira

**Ilustração:** Eduarda Oliveira (@arda.arts)

**Logo Irving:** Maria Cláudia Schmidt

COMO EU NÃO ME APAIXONEI POR VOCÊ [recurso digital] / Mary Dionisio — 1ª Edição 2022.

# SUMÁRIO

[Avisos De Conteúdo & Notas Da Autora](#)

[Playlist No Spotify](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1.1](#)

[Capítulo 1.2](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3.1](#)

[Capítulo 3.2](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8.1](#)

[Capítulo 8.2](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12.1](#)

[Capítulo 12.2](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15.1](#)

[Capítulo 15.2](#)

[Capítulo 15.3](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20.1](#)

[Capítulo 20.2](#)

[Capítulo 21.1](#)

[Capítulo 21.2](#)

[Capítulo 21.3](#)

[Capítulo 22.1](#)

[Capítulo 22.2](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24.1](#)

[Capítulo 24.2](#)

[Capítulo 24.3](#)

[Capítulo 25.1](#)

[Capítulo 25.2](#)

[Capítulo 26.1](#)

[Capítulo 26.2](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29.1](#)

[Capítulo 29.2](#)

[Capítulo 30.1](#)

[Capítulo 30.2](#)

[Capítulo 31.1](#)

[Capítulo 31.2](#)

[Capítulo 31.3](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33.1](#)

[Capítulo 33.2](#)

[Capítulo 34.1](#)

[Capítulo 34.2](#)

[Capítulo 35.1](#)

[Capítulo 35.2](#)

[Capítulo 35.3](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40.1](#)

[Capítulo 40.2](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44.1](#)

[Capítulo 44.2](#)

[Capítulo 45.1](#)

[Capítulo 45.2](#)

[Capítulo 45.3](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Epílogo](#)

[Cena Extra](#)

[Crossover | Cheering Beside You](#)

[Agradecimentos](#)

[Redes Sociais](#)



# AVISOS DE CONTEÚDO & NOTAS DA AUTORA

*Sejam muito bem-vindos ao universo CENMAPV!*

Como autora dessa obra, eu não poderia deixar de dar alguns recadinhos e também deixá-los a par de quais tipos de conteúdos sensíveis você encontrará nessa história.

Em primeiro lugar, prazer, eu sou a Mary, e este é o livro que celebra a minha estreia no mercado literário. Minha ideia foi trazer um romance bem clichê para aquecer seu coração e te distrair um pouquinho da loucura que tem sido os últimos dois anos.

Caso ao final dessa leitura você se identifique com essa história, não deixe de me seguir nas redes sociais para acompanhar tudo sobre os meus próximos lançamentos, e também de avaliar esse livro ao final da sua leitura.

Além disso, caso você tenha acompanhado CENMAPV desde o Wattpad, eu sinto em lhe dizer que muita coisa mudou desde que nos vimos pela última vez, portanto, para não ficar perdido na leitura, eu recomendo que você **NÃO PULE AS PÁGINAS** deste livro. Elas são cruciais para o entendimento do enredo.

Você não irá encontrar, em meio ao conteúdo desta obra, cenas de estupro ou qualquer outra forma de abuso sexual.

**ATENÇÃO! Este livro PODE conter gatilhos para pessoas sensíveis aos seguintes temas:**

**Cenas gráficas de consumo de álcool, drogas lícitas, ilícitas, sexo, euforia causada por crises de pânico e ansiedade. Além disso, a obra trata sobre alcoolismo funcional, luto, racismo e relações abusivas (familiares e românticas).**

**O livro passou por leituras sensíveis para a publicação.**

A história se passa na cidade de Nova Iorque, entretanto, a instituição de ensino central da história, os veículos de imprensa, bem como

determinados estabelecimentos comerciais e os fatos históricos relacionados a eles, são de origem fictícia, fruto da imaginação da autora e especialmente idealizados para o universo da obra. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

A Irving University of New York foi criada exclusivamente para este livro, bem como o Irving Lions, time de basquete da instituição.

O calendário, a configuração do basquete universitário, bem como a formação das ligas e conferências, foram alterados para se encaixarem no tempo em que acontece a trama.

Como Eu Não Me Apaixonei Por Você é um livro sobre erros e evolução. É um romance “Academic Rivals To Friends To Lovers” e SLOW BURN, portanto, há uma evolução gradual para o romance.

No mais, espero que vocês aproveitem e se divirtam muito acompanhando a jornada desses personagens! Boa leitura!

P.S: Querido leitor, sua família não tem o direito de desrespeitar sua existência. DNA não é passe livre para humilhação, manipulação e chantagem. Você tem o direito de ser tratado com respeito em sua própria casa. Não permita que te façam pensar o contrário.



**IRVING  
UNIVERSITY**





# PLAYLIST NO SPOTIFY



[Clique aqui se preferir :\).](#)

Para Marcella e Cheering Beside You, por  
me lembrarem do porque eu amo escrever.

*Para você, que tem monstros escondidos  
debaixo da sua cama. Puxe o lençol e os encare de  
frente.*

*“Ele tocou meu pensamento antes de chegar à minha cintura, meu quadril ou minha boca, ele não disse que eu era bonita de primeira, ele disse que eu era extraordinária.”*

Como Ele Me Toca | Rupi Kaur

# PRÓLOGO

E agora estamos chorando e amando  
E agora estamos brigando e tocando  
Parece que estou fazendo amor com o inimigo  
SMALL DOSES | **Bebe Rexha**

*Amelie*

Poucas coisas foram tão viscerais em minha vida quanto a raiva que eu sentia borbulhar em minhas veias cada vez que ele me jogava suas piadinhas e me direcionava seus sorrisinhos cínicos. Nós mal nos conhecíamos, mas eu tinha todas as fotos anuais da nossa turma com o seu rosto riscado com caneta preta.

Todos os dias, enquanto ele esbanjava toda a sua glória, eu desejava internamente que ele tropeçasse na frente de todos enquanto saía da sala de aula, o que, claro, nunca aconteceu. Ele sempre esteve lá com sua postura irritante e correta, e aquele ar de quem sabe seu próprio valor, e de que tem certeza que o mundo é seu.

Acho que, no fundo, eu almejava sua autoconfiança com o mesmo afinco que admiro hoje em dia.

Eu possuía uma lista enumerada com cada coisinha que odiava completamente nele e, sem sombra de dúvidas, o ápice da minha semana era vê-lo irritado, se descabelando e com o rostinho vermelho de raiva.

Como eu disse, nós mal nos conhecíamos.

E a vida não foi exatamente nossa amiga quando nos colocou presentes na vida um do outro em período integral, mas foi aí que tudo mudou.

Realmente não sei dizer em que ponto, exatamente, as coisas viraram do avesso, e desafio a todos que nos conhecem a descobrirem em que ponto todos os sentimentos gratuitos de raiva e repulsa se esvaíram e foram reduzidos a pó dentro de nós.

Existiam mil motivos para que eu não me apaixonasse por Ethan Harris, fui capaz de citar e listar cada um deles para, logo em seguida, ignorá-los.

Estaria mentindo se dissesse que essa é uma história melodramática de como eu me apaixonei por um cara que jurava odiar, porque não é. Durante todo o tempo em que passamos tendo de dar uma segunda chance para nós, o que cresceu foi muito mais do que uma mera paixão de faculdade recheada de melodrama. Nós nos fizemos bem primeiro, para, só depois, fazermos bem um ao outro.

Ele me segurou quando caí, e fui seu abrigo quando tudo ao redor dele pareceu se resumir a nada. Nós caímos, levantamos e crescemos juntos.

Eu conheci um lado dele que não tinha tanta certeza assim de que o mundo lhe pertencia, conheci sua face que fazia um cara de quase dois metros parecer um menino indefeso, conheci seus medos, suas angústias, suas perdas e suas vitórias. E foi quando me vi sem saída, encurralada em um beco iluminado em que cada lado gritava “amor”.

Então, caso você decida passar para a próxima página e mergulhar de cabeça no nosso mundo, saiba que está diante da parte mais bonita da minha vida, ainda que ela esteja recheada de momentos feios e quebrados. Porque precisei ruir para entender qual futuro eu realmente queria construir.

Dedico cada uma dessas páginas para Ethan Harris, agora, com todo o meu amor.

*Porque todas as histórias de amor me lembram você.*



“Às vezes você precisa queimar algumas pontes  
para criar alguma distância  
Eu sei que eu controlo meus pensamentos  
e que eu deveria parar de lembrar  
Mas eu aprendi com o meu pai  
que é bom ter sentimentos”  
I HATE U, I LOVE U | **Gnash**

*Amelie*

**2 de julho de 2021 - Início do Semestre na Irving**

*Megan está namorando.*

E não tenho ideia de com quem seja.

Penso, bufando e encostando meu corpo na cadeira, depois de passar as últimas duas horas vasculhando cada centímetro das suas redes sociais, tentando encontrar o responsável por fisgar o coração da minha melhor amiga.

Quando acordei hoje pela manhã, e Meg já me esperava na cozinha do nosso dormitório com duas canecas cheias de café e um semblante nervoso, eu já sabia que alguma revelação bombástica estava prestes a cair de paraquedas no meu colo. Foi uma conversa rápida e sem muitos detalhes. Ela me disse que há um tempo estava conhecendo uma pessoa e que eles decidiram finalmente oficializar. E isso incluía nos apresentar.

Até agora, não sei exatamente pelo que fiquei mais chocada, se pelo fato da minha melhor amiga estar namorando e não ter me contado nem que estava conhecendo alguém, ou porque ela segue não me dando uma mínima pista de quem é o cara misterioso.

Esse não é o tipo de coisa que se faz com uma futura jornalista. É sério, somos fofoqueiros por natureza.

Infelizmente, minha bolha de curiosidade é estourada no exato instante em que Christian Portner, meu terrível professor, começa a chamar os alunos até sua mesa para resgatar a primeira avaliação processual do semestre já corrigida. Dá pra acreditar? Estamos a menos de quinze dias de volta à universidade e já tivemos nossa primeira prova.

Isso é insano.

Encaro a movimentação dos alunos conforme seus nomes são chamados, e observo atentamente o instante em que o aprendiz do diabo assina no iPad e pega sua avaliação. O ritual é sempre o mesmo, são poucos segundos encarando a folha, um meio sorriso convencido cresce e... Voilà! Ethan Harris está sorrindo em minha direção e apontando para a própria nota antes de me oferecer uma piscadinha ridícula.

*8.5, desgraçado.*

De forma quase involuntária, meus olhos reviram em desdém, expressando o quanto, por mim, ele poderia explodir bem ali, diante dos meus olhos, e eu me limitaria a abrir uma garrafa de vinho em comemoração. Entretanto, se tem algo que aprendi ao longo desses quase três árduos anos lidando com o Sr. Sorrisinho, é que a vitória dele costuma durar somente até a próxima cena.

— Eu simplesmente amo esse lance de vocês competirem por nota. Me faz lembrar dos nerds da minha turma da sexta série — Nate, o garoto que sempre se senta ao meu lado nessa aula, sussurra em minha direção enquanto salvo algumas anotações em meu notebook.

— Não existe um lance, nós não nos falamos. Ele que é um cretino egocêntrico — quase rosno enquanto meus olhos se alternam entre a tela do computador e o cara a alguns metros.

— Se é o que você diz...

Nate dá de ombros e se volta para as suas anotações. Encaro a nuca do garoto à minha frente imaginando um dos lustres do auditório caindo em sua cabeça, uma prática quase que rotineira minha, imaginá-lo em acidentes sangrentos ou qualquer coisa que envolva arrancar o maldito sorriso da sua cara.

Ethan Harris é aluno do terceiro ano de jornalismo na Universidade Irving de Nova Iorque, assim como eu. É também um dos melhores alunos do nosso ano, com o plus de ser a grande estrela — e capitão — do time de basquete da nossa faculdade. Algo que lhe garante, sem dúvidas, um enorme prestígio, haja vista que nosso time está invicto há uns bons anos, e que vivemos na cidade onde o basquete é idolatrado.

Tudo que sei sobre ele é exatamente o que todo mundo nesse prédio sabe, que ele é o típico atleta: *popular, mulherengo e, dizem as más línguas, bom de cama*. A última parte, devo dizer que jamais tive a comprovação, e nem mesmo pretendo.

E quando digo que ele é um típico atleta, é *realmente* típico. Harris parece ter saído de um daqueles milhares de filmes sobre universidades que todo mundo já assistiu alguma vez na vida, além de ser evidentemente um imã humano para o sexo oposto. O cara vive numa eterna expressão de pós sexo que inclui cabelo desarrumado e sorriso torto, conjunto que, certamente, faz muitas garotas pelo campus terem orgasmos involuntários.

Não me incluo nisso.

Mas devo citar o que o diferencia, ainda que me cause náuseas proferir qualquer elogio que seja a ele: Ethan é um verdadeiro gênio quando o assunto é comunicação e jornalismo.

De verdade, ele é amplamente elogiado em todas as aulas por seus posicionamentos firmes, embasados e suas análises sempre muito minuciosas em todos os nossos trabalhos. O que eu não tenho certeza se me faz odiá-lo mais, ou se ameniza a repulsa que sinto de sua face ridiculamente desenhada que parece ter sido esboçada por algum anjo caído bastante inspirado.

Enquanto eu guardo meu notebook em minha bolsa, ouço meu nome ser chamado por Christian, que embora agraciado com um dos inúmeros nomes bíblicos existentes, de cristão não tem nada. O cara é o próprio demônio encarnado em um idoso baixinho e carrancudo.

E como para um universitário toda desgraça é pouca, de brinde ele ministra a matéria fundamental do curso de Jornalismo, a tão aclamada Metodologia de Pesquisa e Comunicação.

O homem é um carrasco, do tipo que de forma alguma cede um dez para um aluno, a menos que ele tenha revolucionado a comunicação em alguma de suas respostas. Não que ele chegue ao ponto de pensar em dar muitas notas desse tipo, boa parte da turma nunca atinge mais do que um oito, e dentro de sala de aula eu posso jurar que ele pensa que é uma espécie de deus da imprensa. Nada muito inesperado para um professor de uma universidade da Liga Ivy, a Irving é recheada deles.

São quase todos homens insuportáveis com tendências ególatras. Mas Christian é certamente um dos piores, o que lhe garante um lugar reservado na minha lista do ódio, bem ao lado de Ethan Harris.

Me levanto respirando fundo, caminhando em passos largos e com uma expressão de falsa simpatia até a parte baixa do auditório. Assino meu nome no iPad aceso em sua mesa e então, ele me entrega minha prova. Mal consigo conter o sorriso ao ver o nove gigante grafado no canto superior da folha.

Estendo para o docente um polegar erguido em sinal de positivo, e com uma expressão já zerada de emoções, me viro na direção do garoto alto, que me encara em apreensão. É sempre assim, cenho franzido, mãos entrelaçadas sobre a mesa e toda a sua atenção voltada para a expressão que sairá do meu rosto. A expectativa em seu interior é quase que possível de sentir.

*Parece que hoje a brincadeira acabou cedo.*

Penso, encarando a avaliação em minhas mãos.

Caminho até ele, que está sentado na primeira fileira do auditório, e então, coloco o papel sobre sua mesa o encarando com um sorriso triunfante que rasga meus lábios. Ethan sobe seu olhar lentamente de minha mão apoiada em sua mesa até meu rosto. Mantenho minha expressão irreduzível, e sem vacilar sequer um músculo da face, apoio minha outra mão diante dele.

— Pode ficar com ela, acho que pode identificar onde errou — falo, num tom inocente completamente teatral. — Considere um presente.

Passamos alguns segundos nos encarando. Sigo sorrindo e sinto os olhares do auditório presos em nós, até que seu habitual sorrisinho brota em seus lábios.

— Você é sempre muito gentil. É uma pena que também não tenha conseguido um dez. Quem sabe na próxima, Coelhinha — retruca, soltando uma risada sarcástica e usando o apelido tosco de sempre que me faz querer estrangulá-lo.

Desde a maldita festa à fantasia do curso de engenharia, no início do segundo ano, Ethan decidiu que esse seria o meu mais novo apelido e ele só me chama assim.

Coelhinha.

Era uma recepção aos calouros do curso em questão, e a festa foi amplamente divulgada para o restante da faculdade. Só esqueceram de me avisar que era, de fato, uma festa à fantasia elaborada. Megan estava assistindo à uma cirurgia naquela noite e eu fui sozinha. Não preciso explicar muito para que o mundo inteiro entenda o quão patética pareci usando um vestido florido com tênis e apenas um arquinho de coelho, que comprei em uma lojinha aleatória enquanto dirigia para o trabalho, em meio a pessoas extremamente bem produzidas em fantasias alugadas e maquiagens impecáveis.

Lembro-me de sentir meu rosto ruborizar ao notar os olhares em minha direção quando entrei naquela casa de fraternidade, e também de beber além do habitual com pessoas que mal conhecia. Afinal, haviam poucos alunos de jornalismo lá.

Mas ele estava.

Óbvio que estava. Com seu ar triunfante e sorriso galanteador, chegou junto do time de basquete, liderando o grupo, como sempre fazem em suas grandes entradas em festas. Estava numa roupa ridiculamente bem feita de astronauta. Nos esbarramos na pista de dança e lembro de como ele me escaneou com o olhar, dos pés a cabeça, e soltou um “gostei da fantasia, Coelhinha. Criativa.”

Não sei descrever ao certo o que seus olhos estavam me dizendo enquanto ele proferia aquelas palavras. Não sei definir o que senti ao escutá-las, mas sinto raiva desse momento todas as vezes em que ele relembra esse apelido.

— Eu deveria processar você por importunação no ambiente acadêmico, seu desgraçado — falo baixo, mais para mim do que para ele.

— Eu adoraria te ver tentar, gata. — Seu sorriso se alarga e sinto meu sangue esquentar.

— Vá se foder. E use seu tempo vago para tentar um dez da próxima vez — esbravejo, lhe oferecendo um sorriso amarelo. — Você consegue, não é?

— Na verdade, fiquei um pouco confuso. No meu tempo vago, você prefere que eu me foda ou que eu tente um dez? — pergunta num tom debochado, e posso jurar que estou ouvindo o cara ao seu lado prendendo o riso. Idiotas.

Encaro-o cética e reúno todo o meu autocontrole para me impedir de pular em seu pescoço. O bastardo parece ter engolido um cabide, porque nada parece ser capaz de minar o sorriso enorme em seu rosto. Antes mesmo que ele tenha tempo de dizer mais alguma besteira, ergo o dedo médio em sua direção, oferecendo-lhe um sorriso de desgosto, e então lhe dou as costas, seguindo de volta para meu lugar. Pego meus materiais, os despejo em minha bolsa caótica e me dirijo para a parte externa do auditório.

Caminho pelos corredores lotados de universitários atarefados e barulhentos seguindo em direção ao estacionamento. Já fazem três anos que estudo na Irving e não me canso de observar as pessoas, a estrutura física da instituição e tudo o que a compõe. Esse lugar cheira a inteligência e produção acadêmica, tudo aqui me parece sempre tão mágico como se fosse a primeira vez.

Fundada em 1860, a Universidade Irving de Nova Iorque é a terceira melhor da cidade e uma das melhores do mundo, encabeçando a maioria dos rankings que avaliam os métodos das instituições de ensino superior. Com a sede localizada no coração do famoso bairro Midtown East, a faculdade possui três campus em diversas partes da cidade, tornando Nova Iorque, de certa forma, parte da sua estrutura.

Cada um dos três campus leva o nome dos fundadores da instituição e eles são separados por áreas do conhecimento. O Coleman Campus é o maior de todos, ele abriga, além da sede da universidade, os prédios das ciências humanas e linguagens, as moradias universitárias e o nosso complexo esportivo. E todos esses prédios se agrupam em uma única rua, batizada de Academic Street exclusivamente por receber as instalações da Irving University.

Ainda sobre a faculdade, seu nome é uma homenagem ao escritor e embaixador Washington Irving<sup>[1]</sup>, o primeiro autor nascido nos Estados Unidos a ganhar notoriedade mundial dentro da literatura. Foi dele que surgiu, pela primeira vez, a ideia de chamar Nova Iorque de *Gotham*, apelido que se popularizou tempos depois com a criação do herói Batman.

Além das homenagens espalhadas pelos diversos prédios, a Irving é conhecida por ser referência mundial na formação de profissionais do jornalismo, e possui destaque nacional nas ligas esportivas. Tendo o basquete como seu esporte de maior tradição e prestígio.

Para minha tristeza, checo o relógio digital em meu pulso e tomo ciência de que já passa das duas da tarde. Embora passar minutos observando esses corredores seja para mim um verdadeiro deleite, se eu não apertar o passo chegarei atrasada ao trabalho.

Assim que ponho os pés para fora do enorme prédio, caminhando pelo jardim arborizado rumando o estacionamento, sinto o ar abafado se agarrando ao meu corpo e, de imediato, retiro minha jaqueta, a pendurando no espaço entre as alças da minha bolsa. É verão em Nova Iorque, estamos em julho e as temperaturas estão nas alturas, fazendo com que eu esteja me sentindo em um forno vestindo uma calça jeans, camiseta e tênis.

Em passos apressados, caminho pelo estacionamento e destravo com um botão meu Kia Cerato vermelho, presente do meu pai por ter entrado na faculdade e mais conhecido como o meu pior pesadelo.

O veículo não é nem de longe o tipo de carro que se adeque às minhas necessidades, não que meu pai se importe com isso, e na maior parte do tempo me irrita que o modelo seja tão baixo, suas peças mal feitas. Tudo isso, além dos fatos de que ele vive me deixando na mão e seu motor conta com uma durabilidade menor que a de unhas de gel. Entretanto, enquanto eu não consigo juntar dinheiro para comprar outro, é com ele que eu me viro.

Sento no banco acolchoado e encaro meu reflexo no retrovisor conforme prendo meus cachos em um coque firme. Giro a chave na ignição e ouço o roncar do motor sentindo sua pressão em meus pés nos pedais. Dou partida, saio do estacionamento e sigo pela avenida por alguns quarteirões, tomando a liberdade de ir observando os prédios enormes em tons terrosos, característicos de bairros como o Midtown East.

Não demora muito para que eu esteja estacionando o carro em uma das vagas reservadas para funcionários da cafeteria onde trabalho.

Com os vidros fumês devidamente fechados, passo meu corpo para o banco traseiro e troco de roupa, vestindo meu uniforme — um vestido preto com gola polo que vai até o meio das minhas coxas, um avental inferior branco e um arco preto que coloco em minha cabeça após arrumar meus cabelos em um rabo de cavalo baixo, deixando alguns fios soltos na parte da frente. Checo minha aparência no retrovisor antes de sair, coloco meu celular e minhas chaves no bolso do avental e caminho até a entrada da "Letras e Grãos".

Assim que passo pela porta, ouço o barulhinho do sino que anuncia a entrada e saída de todos os clientes, o cheiro de café penetra por minhas narinas e abro um meio sorriso de satisfação. Se eu pudesse pontuar a minha parte favorita de trabalhar neste lugar, o cheiro constante de café sendo servido estaria no top 1.

Vou para a porta que dá acesso à parte de trás do balcão e vejo Lily Stanford, uma das minhas melhores amigas e colega de trabalho, me esperando encostada na parede. Nós duas dividimos os mesmos turnos desde que começamos a trabalhar aqui. Ela cursa Licenciatura em História pela NYU e nós simpatizamos uma com a outra logo de cara. Quando me dei conta já estávamos indo juntas para festas de fraternidade ou passando tardes intermináveis em seu apartamento maratonando séries.

— Boa tarde, gostosa — cumprimento-a, beijando sua bochecha e posicionando meu dedo no leitor digital que registra o horário de entrada e saída dos funcionários.

— Boa tarde, gata. Posso saber que animação é essa? *O Inominável* quebrou algum osso por acaso? — ri, posicionando seu dedo no leitor.

— acredite, se isso acontecer algum dia, eu não virei trabalhar, estarei ocupada ficando bêbada em algum pub irlandês. — Dou risada e levo a mão até a maçaneta da porta, avisando aos balconistas que estão dispensados. — Mas... Eu consegui um nove naquela matéria ferrada que te contei.

— E ele? — questiona, ansiosa.

— Oito e meio.

— Boa, garota! — comemora me estendendo a mão para um *high five* que eu prontamente acompanho. — Sabe que eu amo as fofocas do mundinho de vocês, não sabe?

— Mundinho coisa nenhuma! — chio e ela gargalha.

Lily Stanford é, sem sombra de dúvidas, a prova de que eu sou capaz de fazer alguém odiar Ethan até mesmo sem intenção. De tanto me ouvir bufando irritada por ele simplesmente existir, aos poucos ela se tornou uma verdadeira torcedora fiel do *Time Amelie* em nossa disputa inexistente.

Acontece que minha amiga se empolga muito fácil, a ponto de comemorar qualquer mínima vitória que eu tenha sobre o cara. E também, devo pontuar, Lily não chama Ethan pelo nome, ela diz que isso seria uma forma de atraí-lo, então o nosso apelido interno é "o inominável", algo que sempre me faz gargalhar feito louca quando lembro em momentos aleatórios.

Nós duas pegamos nossos respectivos broches debaixo do enorme balcão. O meu tem escrito "Letras e Grãos" enquanto o dela é gravado com o nome "Palavras e Grãos". Me dirijo para a parte esquerda do balcão enquanto ela se mantém onde está, e pelas próximas quatro horas e meia, nós trabalhamos em empresas distintas.

Até o início do ano passado, éramos uma coisa só, a tão conhecida e procurada por universitários que desejavam ler bons livros enquanto bebiam seus cafés, Letras e Grãos, uma espécie de livraria dentro de uma cafeteria. A loja pertencia ao então casal Meredith e George Green que, após se divorciarem, resolveram manter uma espécie de sociedade ocupando o mesmo espaço físico mas com empresas diferentes.

Lily trabalha para Meredith e eu para o Sr.Green o que, para mim, foi um alívio. Trabalhar para a Meredith era um verdadeiro inferno, diferentemente de como funciona com George, ele é um dos caras mais legais que já conheci.

Embora toda a situação pareça uma verdadeira piada, essa rachadura entre as equipes ficou bem evidente, visto que trabalhamos de acordo com os métodos de nossos chefes, levando até alguns funcionários a se afastarem, o que claramente não é o meu caso com Lily.



Faltam pouco mais de quarenta minutos para o final do meu turno quando sinto meu celular vibrando em meu bolso. Pego-o discretamente após entregar um Vanilla Latte ao último cliente que resta na fila e, ao ler o identificador de chamadas, sinto meu estômago revirar antes mesmo de atender.

É uma ligação de casa. Ou do que um dia foi minha casa.

Engulo a bile que já tenta subir por minha garganta, vou até o banheiro dos funcionários e tranco a porta antes de respirar fundo e clicar na tela para receber a chamada.

— Alô? — Minha voz sai um pouco mais trêmula do que o esperado.

— Amelie? — Consigo identificar como a voz doce de Madelyn, a governanta da casa, soa com uma tranquilidade falsa pelos autofalantes do meu celular.

— Mad, oi, algum problema? — pergunto receosa. — Estou no trabalho.

— Querida, aconteceu de novo. Sinto muito incomodar com a ligação, mas achei por bem lhe informar — fala com uma voz triste que me faz tremer por dentro.

— Em qual hospital? — questiono, já pegando a chave do carro no bolso do meu avental.

— NYU Langone Medical Center — responde direta.

— Certo, eu estou indo para aí.



“Mãos ficando frias  
Perdendo sentimentos, envelhecendo  
Eu fui feita de um molde quebrado?  
Ferida, não consigo esquecer  
Nós cometemos todos os erros  
Só você sabe como eu quebro”  
IDONTWANNABEYOUANYMORE | **Billie Eilish**

*Amelie*

**2 de julho de 2021**

Guardo o aparelho de volta no bolso e saio do banheiro, me sentindo sobrecarregada por saber o que estou prestes a enfrentar de novo. Vou até o balcão e peço para que Lily me cubra no tempo que resta. Digo que é uma emergência familiar e em poucos segundos estou dentro do carro dando a partida e dirigindo pelas ruas de Nova Iorque.

Levo pouco mais de vinte minutos até o hospital em Midtown Manhattan. Tiro meu avental e o arco em minha cabeça, coloco minha jaqueta por cima do vestido, deixo meu carro no estacionamento e caminho depressa até a entrada do hospital.

As portas automáticas se abrem e eu entro, sentindo o ar gelado bater contra minha pele e provocando-me um arrepio enquanto caminho até a recepção. Uma mulher ruiva assente para que eu me aproxime, então apoio meus cotovelos sobre o balcão.

— Gostaria de ver Virgínia Morgan — falo rápido por conta do nervosismo.

A funcionária com o crachá escrito “Valerie” assente mais uma vez e me lança um sorriso compreensivo. Ela digita algumas coisas em seu computador e, conforme aguardo, tamborilo minhas unhas no balcão, correndo o olhar pela estrutura hospitalar do lugar.

É enorme e moderno, parece especialmente caro, e eu torço para que o plano de saúde de Virgínia esteja em dia. Observar estruturas de hospitais se tornou algo involuntário em minha vida depois de conhecer Megan, minha melhor amiga e estudante de medicina na Irving. Ela vive dizendo como a estrutura do hospital da nossa faculdade é excelente, e adora proferir discursos sem fim sobre todos os hospitais que já entrou.

— Aqui está! Virgínia Morgan, ela está internada. Preciso de um dos seus documentos para gerar uma credencial — Valerie exclama, chamando novamente a minha atenção.

Noto que deixei minha bolsa no carro, então pego meu celular do bolso da jaqueta e abro o aplicativo da faculdade, o IrvingApp, onde se encontra minha carteira de estudante virtual. Entrego o aparelho para a balconista, que copia minhas informações e o devolve para mim.

— Você é parente dela ou apenas visitante? — questiona, digitando com os olhos fixos no computador.

— Filha. Sou a filha dela — digo antes de engolir seco.

— Certo, me dê alguns segundos — fala, arrastando sua cadeira para trás e pegando um cartão. Ela passa o mesmo por um leitor, que suponho que sirva para ativá-lo e transferir minhas informações, e o entrega para mim. — Quarto cinquenta e seis, quinto andar.

Caminho em direção ao elevador sentindo meu estômago se dobrando ao meio em receio e nervosismo. Absolutamente tudo que diz respeito a hospitais me dá pânico e ânsia de vômito pelo simples fato de que eu sei bem como é frequentá-los, porque minha mãe infelizmente faz com que eu os visite com uma certa regularidade. O cheiro de álcool, as pessoas de jaleco indo de um lado para o outro, os sons... Tudo me faz ter vontade de vomitar.

Enquanto as portas metálicas do elevador se fecham, checo o horário em meu relógio. São quase oito da noite e cá estou eu, andando pelos corredores gélidos da área de internação de um centro médico.

Abro a porta do quarto que me foi indicado e meus olhos de imediato se fixam no corpo que repousa sobre a cama. Ela parece estar sedada ou apenas dormindo, então ando em passos leves até estar próxima o suficiente para que o cheiro de bebida que exala de seu corpo penetre por minhas narinas. Ainda que eu jure de pé junto que o único sentimento que essa situação me desperta é raiva, não consigo deixar de sentir meu coração se quebrar vendo-a desse jeito.

Dói. Eu tento fingir que não, mas dói.

Estou tão vidrada em sua imagem e em seu estado deprimente que mal noto a presença de Madelyn sentada na poltrona ao lado da cama. A senhorinha baixinha, de pele pálida e cabelos pretos impecavelmente cortados em chanel é, basicamente, a única referência materna que eu tenho. A única que me tratou como filha, pelo menos.

Meus olhos umedecem ao encontrar os seus me encarando com compaixão e um fundo de pena. Embora eu deteste que me olhem dessa forma, meio que a compreendo. Só nós duas sabemos como os últimos anos têm sido exaustivos e como essa situação toda tem me destruído.

Mad se levanta, abre os braços e me chama com um movimento de cabeça. Me aproximo dela e sou envolta num abraço acolhedor que torna a missão de não chorar quase impossível.

— Como ela está? — pergunto, secando algumas lágrimas assim que nos afastamos.

— Como sempre, querida. Deve receber a alta mais tarde.

— O que foi dessa vez? — me refiro ao que causou sua internação.

— O de sempre, notícias sobre o seu pai e uísque — Mad diz fazendo uma careta enojada.

— Os médicos perguntaram alguma coisa? Você disse algo? — Recebo um balançar de cabeça de negação da mulher.

— Fizeram as perguntas de rotina, se eram comuns episódios desse tipo, se ela tem algum tipo de transtorno, e disseram que vão mantê-la em observação até que acorde. Eu disse que foi culpa de uma comemoração irresponsável. Um dos médicos não pareceu acreditar, mas não disse mais nada.

— Certo, muito obrigada mesmo, Mad. Pode ir para casa descansar, se quiser, eu assumo daqui. Peça ao Alfred que venha em algumas horas, pode ser?

Madelyn assente, se despede de mim e sai pela porta, me deixando sozinha no quarto. Encaro a face empalidecida de minha mãe. Sua pele negra retinta está opaca e seus lábios cheios estão esbranquiçados, ela dorme profundamente e seus cachos estão embolados sobre o travesseiro.

A visão é triste, tão triste quanto a situação por completo.

São quase quatro anos mentindo para médicos, e eu não me orgulho nem um pouco disso. Quase quatro anos indo em diversos hospitais para evitar que algum médico a reconheça e indique a internação, quase quatro anos que eu não conheço mais a mulher forte e corajosa que me deu à luz, quase quatro anos que tenho a plena certeza de que minha mãe é dipsomaníaca, ou na linguagem clara, alcoólatra.

E que eu não posso fazer nada para mudar isso.

Virgínia, logo nos primeiros episódios, se ajoelhou aos meus pés chorando e me fez jurar que jamais a delataria para um médico ou para o meu pai. Ela me prometeu, em alto e bom som, que caso eu ao menos tentasse fazer isso, ela sumiria do mapa, porque jamais aceitaria ser tratada como uma inválida ou uma doente.

E desde então, por medo do que possa acontecer caso ela realmente suma, eu lido com a infinidade de hospitais sozinha.

Houve um momento em minha vida que ela não era assim, momento esse engavetado em um passado turvo que me exige força para buscar na memória de tão distante que ele se encontra do presente. A memória que tenho da época dos meus doze anos é a de uma mulher forte, de opinião, que era vista somente em seus vestidos longos, sempre estampados por cores vívidas, com sua maquiagem sempre impecável, cachos sempre definidos e um imenso sorriso rasgando seu rosto.

Minha mãe sempre foi uma mulher vaidosa, bonita, cheia de vida e essencialmente extrovertida, entretanto, em algum ponto dos meus dezessete anos em diante, eu vi essa mesma figura poderosa e contagiante começar a ruir, parte por parte, até restar a pessoa deitada diante de mim.

Ver minha mãe nesse estado deplorável deixou de ser um choque para mim conforme os episódios se tornaram frequentes. Era sempre a mesma coisa, ela bebia até cair, Madelyn a enviava para algum hospital e em seguida me ligava, e eu... Eu faço sempre exatamente o que estou fazendo, venho até ela.

Mad me dizia que essa era uma forma de chamar a atenção do meu pai, e que passaria, mas como ele nunca ficou sabendo, essa ideia foi refutada em minha cabeça. Para mim, ela escolheu a forma errada de enfrentar a dor da separação, e até hoje nada foi capaz de mudar a forma que penso.

No início minha vontade era dirigir até Greenwich Village, área de luxo onde Esteban Castillo, meu pai, vive com sua adorável esposa, e gritar uma infinidade de verdades em sua cara. Apontar o dedo bem no centro de seu peito e culpá-lo por me fazer viver esse inferno, por ter me deixado sozinha tentando limpar o estrago que ele fez na vida de nós duas.

Porque boa parte de tudo que já passei com a minha mãe poderia ser evitado caso ele, ao notar o ruir de seu casamento, houvesse dado um basta na relação ao invés de trair e abandonar minha mãe para, três meses depois, anunciar o noivado com uma de suas sócias.

*Um grandíssimo filho da puta.*

Contudo, embora eu ainda deseje viver esse momento de apontar dedos, hoje em dia eu prefiro manter-me o mais distante possível da confusão que é a relação existente entre os meus pais, porque sei que uma vez tendo escolhido um lado, eu irei viver um inferno ainda pior tendo meu pai como vilão principal.

Esteban não é o que se possa chamar de exemplo de paternidade, já que ele não conhece minhas preferências e suspeito que não me conheça direito. Nós nos vemos regularmente, mas nossas conversas são tão rasas quanto uma piscina de plástico. Me irrita também que ele exija minha presença em seus eventos mais vezes do que posso suportar ver a paz em que ele e minha madrasta convivem, em comparação com o caos que é a mansão dos horrores onde minha mãe vive se lamentando pelos cantos.

Ele é um ex-marido terrível e um pai displicente, ainda assim, algo em mim acredita que isso seja melhor do que não ter nada.

E eu sei que caso eu resolva, de fato, comprar essa briga, estarei lidando com uma versão controladora e manipuladora de Esteban Castillo, coisa que não posso arriscar pagar para ver quando é o seu dinheiro que financia meus estudos na faculdade dos meus sonhos.

Nada, absolutamente nada, do que vivo hoje me faz lembrar dos dias quentes de sol que eu e papai íamos à piscina ou brincávamos no gramado, muito menos das noites de chuva em que nós três nos reuníamos ao redor do piano para ouvir mamãe tocando e cantando as mais belas melodias. Às vezes penso que daria tudo para viver congelada em momentos assim.

Quando tudo era tranquilo e eu tinha um lar.



Já passa de uma e meia da manhã quando enfim estou diante do prédio da Chisholm House, minha tão amada moradia universitária. Minha mãe recebeu alta e eu acionei o motorista da família para que a levasse para casa, já que, por estar tarde, eu preferia não pegar a estrada para a cidade vizinha.

Ao menos essa é a desculpa que escolhi para mim dessa vez, para não ter que estar em casa.

Até hoje não sei dizer se gosto da ideia da minha mãe ter ficado com a mansão na partilha de bens do divórcio. Em primeiro lugar porque ela não tem grana para manter tudo aquilo e em segundo lugar, aquela casa jamais voltará a ser como era na minha infância.

Hoje em dia é horripilante estar lá.

O jardim de margaridas, tulipas e girassóis que ela cuidava com tanto zelo foi abandonado, a estufa está largada às traças e o borboletário que eles estavam construindo para mim nunca foi terminado. Os corredores frios daquela casa imensa quase gritam um lembrete de quantas brigas, quanta dor e mágoa eles presenciaram. De quantas vezes me escondi no meu ateliê para não precisar ouvir as súplicas da minha mãe para que fosse amada como merecia.

Ela implorava.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Como Eu Não Me Apaixonei Por Você | LI..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).